

de ensino, na organização dos espaços e dos tempos de ensinar e de aprender, na condução da rotina de sistema escolar, pois nessa mudança, os estudantes ganham um professor para cada componente curricular.

Para chegarmos ao resultado da pesquisa foram entrevistados 30 alunos do 5º ano e 20 alunos do 6º ano. Cada estudante do 5º ano respondeu duas perguntas que tratavam sobre a expectativa, as diferenças e as novidades que poderiam encontrar no ano seguinte de sua trajetória de escolarização. Já os alunos do 6º ano, foram questionados sobre as principais mudanças que vivenciaram na passagem para os anos finais do ensino fundamental.

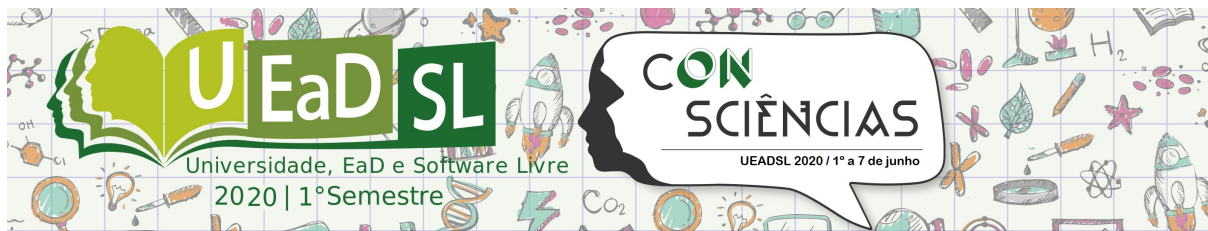
Em muitas escolas, até o 5º ano os estudantes têm apenas um professor (regente), que é o responsável pela turma, o qual o estudante conhece e com o qual convive durante todos os dias da semana, criando hábitos de convivência e laços de afetividade, sentindo-se seguro para sanar possíveis dúvidas e acolhido para se expressar e interagir. Esse período costuma ser definido como Currículo por Atividade. A preocupação está na passagem do 5º para o 6º ano, quando inicia o Currículo por Área, onde os professores são diferenciados por componente curricular.

Partindo desta problemática e com o intuito de discutirmos teoricamente sobre as questões levantadas, referenciamos os estudos de SACRISTÁN (2005), BARBOSA (2006), FORQUIM (1993) e BENITO (2017), os quais serão analisados na próxima seção deste trabalho.

2. Desenvolvimento

A escola é uma instituição vista como um espaço de criação, porém também traz em sua base um ambiente constituído por recepções, acomodações, traduções, apropriações, recusas, resistências, fusões, entre outros elementos. A profissão docente por vezes é condicionada à realidade escolar, levando à reprodução de práticas e não a sua reinvenção.

Na dimensão dos processos de ensino, a cultura escolar deve valorizar todos os episódios que acontecem na rotina de uma sala de aula. Desde o levantar da mão, até o



modo como o estudante faz uma pergunta, todas as ações devem ser consideradas e problematizadas, a forma da turma ao entrar na sala, as conversas paralelas, tudo faz parte de uma gama de relações que constituem o espaço escolar, criando assim uma cultura própria da escola, conforme nos ensina Forquin (1993). Para a implementação de uma proposta com os princípios que estamos advogando, o espaço escolar deve ser analisado, percebido, discutido e interpretado:

Para entender a escola, para compreender e interpretar o que ocorreu e ocorre entre seus muros, bem como a cultura que nela se inventou e recriou, é necessário inserir-se, obrigatoriamente, na vida cotidiana das instituições, mergulhar na observação sistemática do que passa realmente dentro dos espaços que denominamos de salas de aula e dos elementos que estruturam o cenário no qual se pratica a educação formal e não formal (BENITO, 2017, p. 35).

Desse modo, inúmeras das relações sociais que se articulam ou não com a educação, estão ritualizadas, acompanhando o processo de idade e de identidade do sujeito. Uma delas é o rito de passagem entre os anos de ensino básico, no qual o estudante tem um avanço ao ser aprovado. Esse ritual poderia ser imposto de uma outra forma no espaço educativo, pois muitas vezes o estudante não sabe o que irá encontrar no ano seguinte, o que acaba por preocupar a comunidade escolar, pois podem trazer consequências ao estudante como a reprovação.

Os rituais são aqui compreendidos como atos, individuais ou grupais, que se mantêm fiéis a certas regras e hábitos sociais e que possuem um significado particular em cada cultura. São práticas que fixam regularidades. Apesar de se manterem abertas a eventuais mudanças. A repetição de certos enquadres, de certas ações, de determinadas práticas dá estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra dá um certo sossego às pessoas, sejam elas grandes ou pequenas (BARBOSA, 2006, p. 38).

Nas escolas, quando acontece essa transição, observa-se certo estranhamento por parte dos estudantes que se encontram no 6º ano, que estavam acostumados com a rotina dos Anos Iniciais. Desse modo, é possível que os alunos tenham dificuldades em acompanhar a diferenciação entre a forma de organização das estratégias de ensino dos diversos professores, já que cada um traz consigo seus valores e métodos e modos de conduzir a disciplina em sala de aula.



Pensando sobre a formação do aluno, Sancristán (2005), faz um questionamento:

É possível intuir que, em torno da categoria aluno, formou-se toda uma ordem social na qual se desempenham determinados papéis e se configura um modo de vida que nos parece muito familiar porque estamos acostumados a ele. Essa ordem propicia e “obriga” os sujeitos nela envolvidos a serem de uma determinada maneira. Eles pensam, sentem se entusiasma, se inibem e se relacionam, têm uma vida pessoal e familiar, uma história, um contexto de vida e um futuro (SACRISTÁN, 2005, p. 14).

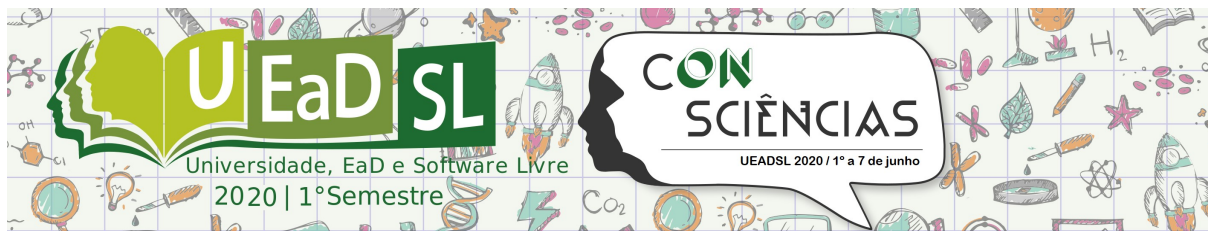
Nessa transição do 5º para o 6º ano também fica evidente que os alunos precisam amadurecer, pois muitos professores costumam repetir frases como: “Vocês não são mais crianças”, “Não podem se comportar assim”, “Tem alguma criança aqui?”, “Eu não dou aula para crianças”, esquecendo que além dos alunos estarem passando por uma transição escolar, passam pela transição da infância para a adolescência e não existe um marco ou uma demarcação etária fixa estipulado para isso. Então, muitos precisam crescer como uma obrigação do ambiente escolar, sendo que na grande maioria esses alunos têm 11 anos de idade.

Essas problematizações exploradas pelos autores sobre a rotina, a constituição do aluno, a cultura e o ambiente de formação do mesmo, motivaram a realização da coleta de dados com os estudantes, as quais aconteceram por escrito e individualmente, após uma intervenção da professora/pesquisadora sobre o assunto. Para preservar os sujeitos pesquisados utilizaremos nomes fictícios nos trechos estudados.

Análise de dados:

A partir da atividade realizada com os estudantes, podemos perceber que as expectativas positivas dos alunos que se encontram no 5º ano são mais significativas do que os medos, diante das mudanças que irão encontrar. Eles relatam algumas diferenças em relação à nova experiência, como: não andar em fila na hora da entrada e saída; maior número de professores; troca de horário da merenda e intervalo; deixando explícito que terão novas responsabilidades.

PAULO (10 anos): Eu acho que com certeza vai ser mais difícil, muitas



mudanças, tanto nos materiais quanto no entrar sozinho para a sala e outros. Serão diferentes as matérias, os professores, a merenda no recreio, etc.

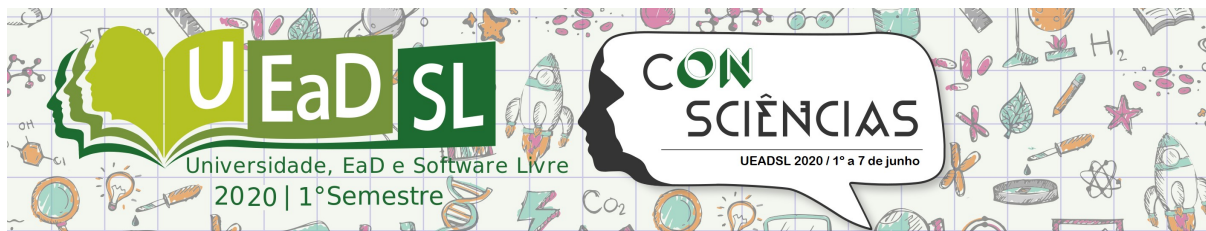
Os alunos que estavam no 6º ano relataram sobre o que encontraram e destacaram que não foram preparados para as mudanças que estavam vivenciando. Falaram sobre a maior autonomia que é oportunizada nessa transição para os anos finais, mas acreditam que ainda não estavam preparados para lidarem com a maior flexibilidade da rotina. Salientaram ainda que alguns colegas se tornaram mal-educados, passaram a empregar palavrões e a interação entre o grupo passou a caracterizar-se por ofensas e conflitos. Acreditam que essas mudanças nos comportamentos devem-se ao fato de que não possuem mais apenas um único professor na sala, que conduz a turma em todo o momento e de acordo com as mesmas regras. Mencionam ainda, a cobrança de rapidez na escrita, a troca de professores, os vários cadernos, a necessidade de se deslocarem até o refeitório no momento do recreio. Abaixo transcrevemos alguns relatos dos alunos quando questionados sobre as principais mudanças identificadas na passagem para o 6º ano na escola:

PEDRO (12 anos): As principais mudanças ao passar para o 6º ano é que agora temos nove professores, agora podemos entrar sozinhos e voltar sozinhos do recreio, temos várias atividades diferentes nas aulas. Os horários estipulados ajudam a trazer os cadernos certos em cada dia.

MARIA (12 anos): Os horários mudam, os professores mudam e as matérias ficam mais difíceis. O horário da merenda agora é no intervalo, antes era às 9h15. No 6º ano tem mais brigas e o vocabulário dos colegas não é muito agradável.

CAROL (12 anos): Eu ganhei uma liberdade maior, mas mesmo com a liberdade eu demorei para me adaptar.

Com esses relatos percebemos que a escola em questão ainda não desenvolveu estratégias que aproximem as rotinas e as propostas de ensino do 5º e do 6º ano, pois os alunos do 5º fazem atividades com os menores, como a participação em atividades culturais, intervalo, merenda, uso da biblioteca. Ao passar para o 6º ano, todas essas atividades com as quais já estavam ambientalizados mudam de padrão e a rotina torna-se outra, o que causa o estranhamento e insegurança, podendo contribuir para um quadro de desestímulo e reprovação.



Considerações Finais

Nos espaços observados e na literatura da área, constatamos que muitas vezes não há ritos de passagem de um período escolar para o outro. Nesses casos os processos de ruptura com a lógica da cultura escolar são muito impactantes para os estudantes. Recorrentemente, os estudantes não vivenciam momentos de compreensão dessa nova dinâmica e pouco são motivados para o crescimento e produção de sua autonomia no processo educativo. Para, além disso, na maioria dos casos, o ensino dissocia a realidade da cultura local do ensino.

Essa transição exige dos alunos uma adaptação a este novo ano que, por ter uma organização bem diferente dos anteriores, pode se dar de forma conturbada dependendo do trabalho pedagógico que será desenvolvido pelos professores envolvidos neste processo.

Os alunos, embora relatem dificuldades com o 6º ano, demonstram empolgação e prazer em estar nos anos finais, esse é mais um fator que deve ser levado em conta na hora de realizar a transição, por isso, a necessidade de um trabalho coletivo e planejado pela equipe pedagógica da escola, direcionado para receber os alunos advindos dos anos iniciais. Com o propósito de sanar problemas como a alta taxa de reprovação que se identifica no 6º ano e o descompasso existente entre a cultura do estudante e a cultura escolar, que pode provocar desestímulo em aprender e em estar na escola.

Referências:

BARBOSA, Maria Carmen. **Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Tradução Heloísa Helena Pimenta Rocha, Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

FORQUIN, José. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SANCRISTÁN, José. **O aluno como invenção**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.